

Estigmas que matam

Victor de Queiroz Dias

Desde o momento em que os efeitos da pandemia do novo Coronavírus, a Coronavírus Disease 2019 (COVID-19) chegaram, ao Brasil, cascatas de estigmas foram criados para velar, defender e potencializar mitos. Quiçá, o mais nefasto estigma gerido e potencializado seja o do “pobre” como detentor de força, resistência e imunidade ao vírus em questão, por vivenciar, muita das vezes, em condições subumanas, as quais possibilitam que tal parcela da sociedade experimente a exposição de uma série de doenças (ESREY *et al.*, 1991), convencionou-se que essas pessoas em situação de vulnerabilidade social estariam imunizadas justamente pelo fato de serem expostas a muitas doenças e ter certa “resistência” a elas.

A repercussão de tal estigma nos mais variados contextos de comunicação¹ e a defesa desse por personagens importantes da sociedade como, por exemplo, o Presidente da República² ocasionou a reprodução dessa concepção nefasta pela própria população em situação de vulnerabilidade. É evidente que, ao propagar tal crença, esses indivíduos criam, displicentemente, a identidade força, a qual:

É um tipo de identidade que não integra socialmente os indivíduos e os mantém separados, individualizados, dentro de sua coletividade. É uma tentativa de resistir ao caminho de exploração, doença e morte imposto pela classe dirigente, cujo final é representado pela penitenciária, hospital, manicômio ou cemitério (GÓIS, 2008, p. 61-62).

A população em situação de pobreza é, por vastas razões, extremamente vulnerável ao vírus³ e não imune, como é estigmatizada. Essa concepção danosa e inverídica pode causar graves entraves sociais se levada a sério, uma vez que para a contenção da disseminação vírus, medidas restritivas foram tomadas e, diante de tal estigmatização, esse fragmento da sociedade pode, pela ideia de estar imune, romper as medidas restritivas e contrair a COVID-19 que, até o presente momento, não possui medicamento específico no caráter preventivo e de tratamento.

¹ *Governador diz que coronavírus só ataca os ricos; ‘Nós, pobres, estamos imunes’*. Jornal de Brasília, 27 de março 2020, Brasília. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/nahorah/governador-diz-que-coronavirus-so-ataca-os-ricos-nos-pobres-estamos-imunes/>. Acesso em: 4 maio 2020.

² *Bolsonaro: Brasileiro tem que ser estudado. Pula no esgoto e nada acontece*. Notícias Uol, 26 de março 2020, São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/26/bolsonaro-brasileiro-tem-que-ser-estudado-cai-no-esgoto-e-nada-acontece.htm>. Acesso em: 4 maio 2020.

³ *Favelas serão as grandes vítimas do coronavírus no Brasil, diz líder de Paraisópolis*. 18 de março 2020, São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51954958>. Acesso em: 4 maio 2020.

Ao analisar de modo minucioso a problemática, torna-se perceptível que o resultado é a dizimação dessa parcela social a qual, por vivenciar, geralmente, em condições desfavoráveis à saúde, se encontra vulnerável não apenas ao Coronavírus, bem como outras doenças.

Ademais, quando ocorre estigmas como esse há a legitimação da ideia da pessoa em situação de pobreza como algo a parte da sociedade, ou desumana. Se é um vírus o qual tem os seres humanos como principais hospedeiros por que as pessoas em situação de pobreza estão “imunes”? Nesse sentido, é visível como, por várias razões, o estigma pode ser fatal, seja pela fragilização da dignidade da pessoa humana, seja pela efetivação do estigma em si.

Outro aspecto o qual merece enfoque nessa temática é o mito e estigma da produtividade. Em grande escala empresas, personalidades influentes e parcela significativa da mídia têm vendido de modo assíduo, a ideia de que se produza durante o isolamento social no fito de “cuidar da saúde mental”.

Tal abstração parece ser inofensiva se olhada superficialmente, mas o que vigora tal idealização como estigma são as lacunas, as quais permeiam esse discurso vendido, as pessoas, de acordo com tal lógica, deve produzir de modo indiscriminado, sem, ao menos, saber por qual razão se produz, se isso é realmente o que se almeja fazer, e para quem estão produzindo.

O objetivo desse parágrafo não é anular a ideia de que as pessoas possam produzir durante o período de distanciamento social, mas mostrar que, ao vender um discurso de produtividade por mera influência de ordem midiática, há certa reprovação de características e crenças pessoais, pois com tal argumento sendo difundido questionamentos retóricos de cunho negativo sobre a produtividade pessoal e saúde mental podem existir.

Além disso, quando tal “produção” não é alcançada, sentimentos como os de frustração e não pertencimento a um meio social “produtivo” são inerentes, o que pode complicar a situação do indivíduo ao se perceber como sendo o “oposto”.

Será que as atividades já exercidas antes do cenário da COVID-19 não são vistas como produtivas? Para ter produtividade é necessário seguir o roteiro criado pelo influenciador? É realmente necessário ser “produtivo”? A sanidade mental é obrigatoriamente intrínseca ao que se pensa ser produtividade?

Referências

ESREY, Steven A. *et al.* *Effects of improved water supply and sanitation on ascariasis, diarrhea, dracunculiasis, hookworm infection, schistosomiasis and trachoma.* Bulletin of the World Health Organization, Geneve, v. 69, p. 609-621, 1991.

GOMES, Maria João Marques. *Ambiente e pulmão.* Jornal de Pneumologia, Brasília, v. 28, n. 5, p. 261-269, 2002.

GRAHAM, Neil H.M. *The epidemiology of acute respiratory infections in children and adults: a global perspective.* Epidemiologic Reviews, Baltimore, v. 12, p. 149-178, 1990.

GÓIS, Cezar Wagner Lima. *Saúde Comunitária: pensar e fazer.* São Paulo: HUCITEC, 2008.

